



Thiago Soares Gigliotti de Carvalho

**A DÁDIVA COMO MOVIMENTO: PARA O ENCANTAMENTO
DO ENCONTRO**

Brasília

2011

Thiago Soares Gigliotti de Carvalho

**A DÁDIVA COMO MOVIMENTO: PARA O ENCANTAMENTO
DO ENCONTRO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Educação da
Universidade de Brasília como exigência parcial
para a obtenção do título de graduado em
Pedagogia.

Orientador: Álvaro Sebastião Teixeira
Ribeiro

Brasília

2011

Carvalho, Thiago Soares Gigliotti, 1982-
A dádiva como movimento: para o encantamento do
encontro/ Thiago Soares Gigliotti de Carvalho, – Brasília: [s.n.], 2011.
__ f.

Trabalho de Conclusão de Curso

Curso: Pedagogia

Orientador: Álvaro Sebastião Teixeira Ribeiro

1. Primeiro assunto. 2. Segundo assunto. I. Segundo
autor. II. Terceiro autor.

Thiago Soares Gigliotti de Carvalho

**A DÁDIVA COMO MOVIMENTO: PARA O ENCANTAMENTO
DO ENCONTRO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Educação da
Universidade de Brasília como exigência parcial
para a obtenção do título de graduado em
Pedagogia.

Orientador: Álvaro Sebastião Teixeira
Ribeiro

BANCA EXAMINADORA:

Nome do examinador: Professora Ms. Neuza Maria Deconto

Titulação: Mestre

Instituição: Faculdade de Educação UnB

Nome do examinador: Professora Dra. Simone Rodrigues do Amaral

Titulação: Doutora

Instituição: Faculdade de Educação UnB

Local: Universidade de Brasília - UnB

Dedicatória

Dedico este trabalho à vida e aos seres humanos. Dedico à força que cada um tem dentro de si para superar os desafios, para se transformar, para amar.

É possível!

Agradecimentos

Agradeço àqueles que passaram e passam por minha vida, demonstrando o rio da vida.

Agradeço aos meus pais (Marcos Bolívar e Maria da Penha) pela dosagem de liberdade e confiança.

Agradeço à minha irmã (Marcela), por crescer junto.

Agradeço à minha família, pela alegria, pelas histórias das gerações.

Agradeço à minha namorada (Deyd), pelo amor, pelo olhar interior, pela novidade do espírito.

Agradeço aos meus amigos, pelo silêncio e pelo movimento.

Agradeço aos meus mestres, pelas chaves da porta dos fundos.

Agradeço ao Sol e à Lua de cada dia, pelo equilíbrio.

Agradeço à vida, por viver.

Epígrafe

Amadurecer e crescer significa tornar-se capaz de lidar com o ritmo entre felicidade e infelicidade. Amadurecer significa suportar o movimento que sempre volta entre leve e pesado, entre alto e baixo, entre avanço e recuo. Eu não quero desistir quando estiver indo mal, e não decolar para o inalcançável quando estiver feliz.

Amadurecer significa atribuir a mim próprio o que consigo fazer, empenhar toda a minha energia em alcançá-lo. Nem mais, nem menos.

(SCHAFFER, 2008: 33)

RESUMO

O trabalho tem como base a dádiva como prática, no movimento corporal, através de jogos cooperativos e danças circulares, oferecendo e convidando o grupo de jovens que experimentaram as vivências, a viverem a o encontro de maneira mais próxima, coletiva e compartilhando o encantamento de viver, jogar, se conhecer. O trabalho é organizado em cinco partes: a primeira parte é um memorial, onde refaço minha trajetória no curso de pedagogia; a segunda é um referencial teórico sobre a dádiva; a terceira uma breve explicação sobre os jogos cooperativos e as danças circulares; a quarta a metodologia, onde é mostrado e analisado o que foi realizado com os jovens do Projeto Educação Integral e Inclusão Social no Recanto das Emas; e a quinta parte as considerações finais. Ao final desta caminhada percebeu-se a importância do movimento corporal para despertar nos jovens um sentimento de respeito e confiança em si e no outro, possibilitando momentos de entrega e de partilha.

Palavras-chaves: dádiva, movimento, encontro, jogos cooperativos, dança circular.

Sumário

Introdução

Memorial.....pág 9

A dádiva.....pág 24

Os jogos cooperativos e as danças circulares...pág 34

Desenvolvimento

Metodologia.....pág 37

Conclusões ou considerações finais

Considerações finais.....pág 58

Referências.....pág 62

Memorial

Em 2006 começo a cursar a licenciatura em Pedagogia. Mas antes, de maneira bem intensa, já vinha sentindo este chamado pela educação, pela sensibilidade, pela arte. Ingresso na UnB em 2001 no curso de Educação Física, compromissado com minha própria história através do movimento. Encanta-me e me transforma estar em movimento, jogar, brincar, me encontrar comigo mesmo e com os outros. 10 anos jogando basquete além de uma paixão e gratidão pela Educação Física escolar me levaram a escolher este primeiro curso de graduação.

Durante a caminhada fiz disciplinas na Faculdade de Educação (FE), já que meu curso de educação Física era licenciatura e havia disciplinas obrigatórias a serem cursadas na FE. Também, comecei a fazer o curso de fundamentação em Pedagogia Waldorf, o que me cativou ainda mais para o caminho da Pedagogia. Nesta passagem de alguns anos pela FE, veio o arrebatamento e um novo olhar para a vida através da arte por algumas experiências que tive, como as quatro disciplinas que se seguem:

Práticas docentes e linguagens corporais 1 (Professora Neuza Maria Deconto)

Pude experimentar no corpo toda a transcendência da arte, do encontro com os outros através do corpo. Vivemos ali a plenitude o presente, dançando, cantando, criando novas maneiras de retirar de dentro o ser que sonha, que brinca, que ama.

Oficina de formação do professor leitor (Professora Simone Amaral)

O mundo da imaginação, o mundo da criação chegava forte em meu coração. Através de João Guimarães Rosa (livro “Primeiras Estórias”), Manoel de Barros (várias obras, dentre elas “Poemas Rupestres”) e Bartolomeu Campos de Queirós (livro “Por parte de pai”), um mundo que eu pensava que não era possível ou que não existia, se fazia realidade. Um mundo de possibilidades, atitudes e sentimentos que me deixavam em liberdade para viver, para perceber a dimensão da vida, a profundidade que as palavras unidas chegavam dentro do ser.

Literatura e Educação (Professora Simone Amaral)

Em Literatura e Educação tive a chance de poder criar, de poder me colocar de uma maneira que pegasse o que era pequeno, diminuto e transformasse aquilo em algo importante, essencial, como na verdade é, mas que esquecemos. Recordo-me com carinho de dois momentos, o primeiro durante a aula declamei um trecho do livro “Indez” do Bartolomeu Campos de Queirós, que falava do papel roxo que embala as maçãs. Antes da aula, que era à noite, comprei uma maçã para cada um com papel roxo embalando-a (O rapaz do supermercado teve que ir ao depósito para trazer uma caixa que tivesse ainda os papéis roxos).

Outro momento foi também na aula, onde eu declamei um trecho também do Bartolomeu, em que ele falava que o menino gostava de levar em seu bolso uma tampinha, um pedaço de barbante e uma pedrinha, pelo simples prazer de carregar tais objetos. Da mesma maneira entreguei para cada estudante da disciplina, estes três objetos (para as tampinhas, comprei várias garrafinhas de leite de coco e retirei as tampas branquinhas, sem nada escrito. O leite de coco ficou com minha avó. Esta atitude de querer que não houvesse nada escrito nas tampinhas me leva a uma reflexão. Naquela época eu queria algo puro, ou seja, não queria neste caso,

tampinhas de cerveja ou de refrigerante, pois achava inadequado o consumo de tais bebidas. Hoje em dia, porém, ainda mantenho a posição, porém veja que é necessário um meio termo, sem radicalizar. Apesar de ter sido uma atitude bem poética, a das tampinhas de leite de coco, mesmo de certa forma tendo um excedente de coco, qual o problema de serem tampinhas de cerveja ou refrigerante para uma atividade? Muda a atividade por isto? Fica menor? Acredito que não, estamos numa fase de transição no mundo atual e querer negar tudo é polarizar e não ser leve).

Prática docente e linguagens corporais 2 (Professora Neuza Maria Deconto)

Aqui trabalhamos com o bumba-meu-boi. No início um pouco resistente, pois queria trabalhar com várias coisas, explorar vários caminhos da dança, vi a importância do regional, do fazer com as mãos. Construimos um boi para o festejo (ver foto abaixo, com meus amigos Jadier e Lilia), além de ir a um ensaio e dançar no boi do Seu Teodoro. Ressaltando a importância da ligação da universidade com as manifestações das culturas populares brasileiras e com isto, vivências além dos muros da instituição.



Estas quatro disciplinas realmente foram decisivas para a escolha que viria em breve: cursar Pedagogia. Com estas vivências tão importantes para minha vida, para minha caminhada enquanto ser humano e educador, se abria um portal para minhas ações, para minhas reflexões, para meu olhar para as pessoas, para a vida. Essencialmente o que ficou destas experiências para mim, foram os encontros, as professoras, com seus carinhos e ajudas, e os estudantes que viveram comigo momentos de muito afeto e partilha.

Então chegou ao ano de 2006, 1º semestre. Era para eu ter me formado em Educação Física, em dezembro de 2005. Contudo, houve uma greve e fui me formar em março. O semestre letivo do 1º/2006 começava em abril, ou seja, quase não teria férias. Lembro-me que por um momento cheguei a pensar em trancar, mas mais forte para mim foi o desejo de continuar, mesmo fazendo poucas disciplinas por semestre. Sendo assim, continuei a caminhada e em abril já estava de novo na graduação.

Trazendo em mim uma veia de poeta, surgida recentemente naquela época, e de educador físico, traçarei adiante de maneira direta, didática e poética, meu caminho na pedagogia, olhando para minha história e percebendo de maneira nítida, como

houve sucessos, tropeços, mas com a vontade no coração de fazer de cada momento, um momento único, uma experiência mágica, com criatividade, através do fortalecimento do encontro, com a sabedoria do corpo, do movimento e, com a abertura da dádiva, oferecendo, possibilitando. Um caminho de ações.

1º semestre

Num dia de aula, levei uma bandeira do Brasil de plástico e pendurei na sala. A aula era de educação em geografia. Declamei um poema que fiz sobre a emoção de um garoto pelo professor de geografia, que o ensinou o hino do Brasil. Recordo-me do professor com os olhos cheios de água. Um dia também, um lençol azul representou uma cachoeira, onde a turma pôde passar por ele.

2º semestre

Em O Educando com Necessidades Educacionais Especiais, no trabalho final, escrevi uma poesia e a imprimi em Braille, distribuindo para a turma. Não disse o poema, falei para todos que cada um precisaria descobrir de alguma maneira.

Em Educação e Multiculturalismo na Contemporaneidade, o professor Armando demonstrou muito acolhimento e escuta. Nesta disciplina, coloquei um cartaz enorme na parede da sala com alguns cortes e um saco ao lado com um monte de caixinhas pequenas de papel. Os cortes estavam dispostos de maneira que ao se colocar a caixinha com a boca para baixo, cada uma simbolizasse um degrau de uma grande escadaria. Neste cartaz, após fixar seu degrau, cada um poderia escrever algo, algum momento de sua vida, alguma superação.

3º semestre

Em História da Educação, num trabalho em grupo, colocamos fotos de nossa infância na parede, teve flauta e violão. Recolhemos folhas secas pela FE e conduzi uma atividade onde era para jogar a folha seca pro alto e pegá-la sem deixar cair no chão (depois era para pegar a da outra pessoa).

Em Fundamentos da Educação Ambiental uma apresentação em grupo mágica:

Circuitos onde cada um experimentava algo diferente: escrever uma carta pra alguém, plantar uma semente, fazer com que subisse um balão com gás hélio (este balão representava um balão grande, daqueles de balonismo, com o fogo o inflando). Havia o Sol, a Lua, os planetas feitos de tricô pendurados no teto da sala. E no fim, do lado de fora da sala, foi amarrada uma corda no alto de uma pilastra e cada um da turma se pendurava e pulava dentro de um bambolê. Quando entrava no bambolê, um pano azul subia, como se a pessoa estivesse no fundo do mar.

4º semestre

Em Educação e Trabalho, no final da disciplina, cobri quase todo o teto da sala com papel pardo, como se magmas de um vulcão estivessem ali no teto e escrevi uma poesia neste papel. Porém, a poesia não acaba ali na sala, como lavas caminhantes, para saber o final da poesia era preciso sair da sala e ir até o gramado no térreo, já que a sala era no subsolo. Fiz isto como uma surpresa para as pessoas.

Em Investigação Filosófica na Educação, um trabalho com argila, onde cada um precisava fazer um objeto que contivesse, ou seja, algo que acolha, como uma concha, ou copo. Recordo-me do professor Álvaro dizendo do carinho ao perceber que havia lenços de papel para as pessoas limparem as mãos.

Em Orientação Vocacional Profissional, durante o semestre, a professora disse que seu sonho era ser aeromoça. Como meu pai foi comissário de bordo, fiz uma surpresa para a professora. No último dia de aula, coloquei em cada carteira, um quadrado com as bordas de papelão e o centro de plástico transparente, apoiado por duas hastes de papelão, representado a janela do avião (cada carteira seria desta maneira, um assento do avião). E, para a professora, fiz um carrinho de servir comida, destes de avião, com rodinha e tudo, com mais de 1 metro de altura. Apenas umas duas pessoas foram à aula neste último dia. A professora ficou emocionada.

5º semestre

Em Ensino e Aprendizagem da Língua Materna, fiz dois convites especiais para a turma: o primeiro era para escrever algo no papel da pipa e depois soltá-la. Não compareceu ninguém neste dia. O segundo convite foi para plantarmos girassol e conjugarmos verbos (eu amo, tu amas, ele ama...). Enquanto plantávamos, conjugariamos. A professora falou que não poderia ir, mas que eu conjugasse por ela o verbo transformar. Ninguém compareceu neste dia. Um girassol cresceu e ficou por alguns dias num dos jardins internos da FE.

Em Projeto 1 – Orientação Acadêmica Integral (OAI), dois momentos, com o inestimável apoio da professora Cristina Madeira. Um projeto sobre a Lua, onde cada um da sala teria um dia específico para olhar para a Lua durante o semestre. No fim, encerramos a disciplina com um sarau à luz de velas dentro da sala, com violão, com relatos sobre a Lua, sobre a infância, sobre a vida.

6º semestre

Em Sociologia da Educação, pulamos corda dentro da sala, numa aula, até o professor Carlos Lopes pulou.

7º semestre

Em Perspectivas do Desenvolvimento Humano convidei a turma para remarmos num bote inflável (que comprei para esta ocasião) no lago Paranoá. Não compareceu ninguém.

Em Educação do Campo, fazíamos saídas de campo à escola rural do Pipiripau. Impressionado com as nuvens do local, escrevi um livretinho de poesias sobre as nuvens de lá. Entreguei alguns exemplares para a escola e, depois de finalizado o semestre entreguei um exemplar para um assentamento ali perto. Eis duas das poesias:

Nuvens são seres humanos que acordam muito cedo.

Laços feitos pelo tempo, entre nós. Amo-te com a delicadeza e a força de um milhão de nuvens.

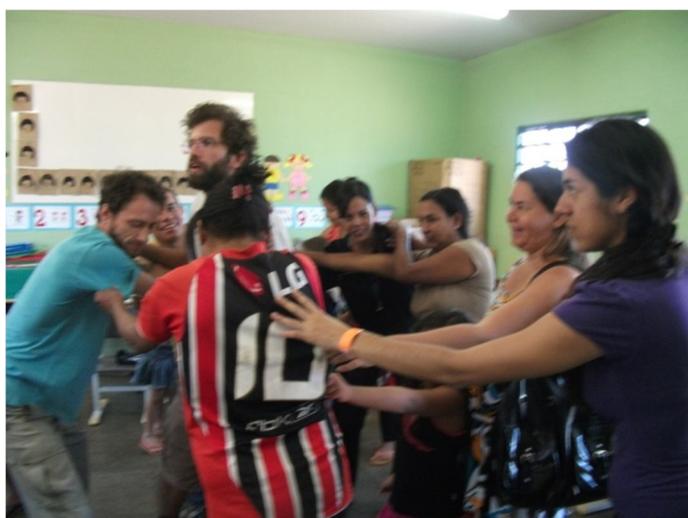
10º semestre

No projeto 4 fase 2, trabalhei com o ensino médio no CEAN. Acolhido de forma bem especial pela professora e instigado pela liberdade do professor Tadeu e do professor Álvaro, o movimento esteve presente com a filosofia. Recordo-me de uma aula sobre o tempo, sobre o Cronos, sobre o Kairós. Dei exatamente 1 minuto para cada um sair da sala e ir até um lugar da escola que eles nunca tinham ido antes. Só poderia regressar à sala, exatamente quando o relógio marcasse 1

minuto. Conversamos depois sobre o tempo marcado, o Cronos, e o tempo que pára, o tempo da experiência única de cada um, o Kairós.

11º semestre

No projeto 3 fase 2, com a professora Rosângela, pude ir até a Estrutural e constatar uma realidade muito diferente do centro de Brasília. Fomos até o lixão, andares e andares de lixo, catadores em busca da sobrevivência, mas sorrindo. Na escola da Estrutural, um momento marcante foi o dia em que eu e meu amigo Ricardo fizemos biscoitos com bate-papo sobre educação ambiental, com direito a jogo cooperativo, dança circular (ver foto abaixo).



12º semestre

O de agora, o último nesta caminhada. Projeto 3 fase 3 com filosofia na 304 norte, com jogos cooperativos, música, desenho. E projeto 5, onde além de escrever este TCC, estou desenvolvendo um trabalho de movimento com os jovens do Projeto Educação Integral e Inclusão Social no Recanto das Emas.

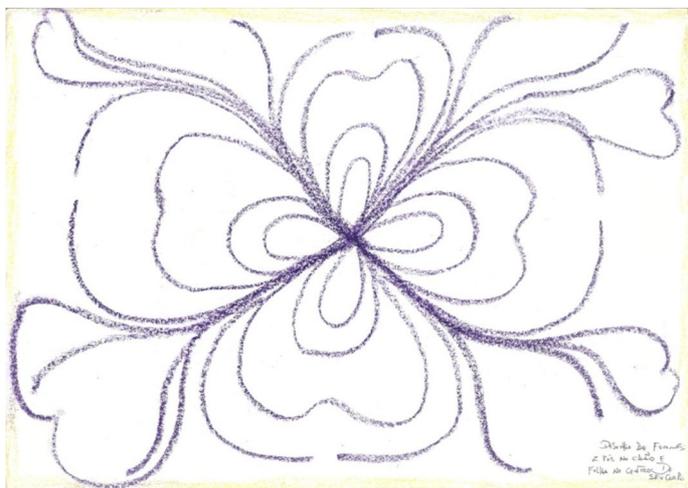
Outros projetos ao longo da caminhada:

- ▣ Um painel sobre o lápis. Onde cada um poderia colocar um lápis dentro de um saquinho de din-din e escrever algo sobre o lápis.
- ▣ Pela beleza das mesóclises (dar-me-ia, far-lhe-á), fiz um encontro sobre mesóclises e triângulos, para dizermos mesóclises e fazermos triângulos. Não compareceu ninguém neste dia.
- ▣ Certa vez produzi de tricot uma caixa de correio feita de lã de tapeçaria. Coloquei pendurada na sala, com uma carta que escrevi. Só minha carta ficou dentro da caixa. Sonho que eu tive uma época de ser carteiro de profissão.
- ▣ Dentro de uma caixa de papelão, fiz uma orquestra em miniatura. Coloquei as cadeiras de todos os naipes (violinos, violas, trombones, percussão, etc...), além das portas-partituras. Na instalação havia um prego pendurado por uma linha, onde se podia raspar o céu (o teto da caixa de papelão). Raspando o teto, que estava com várias camadas de giz de cera, poder-se-ia obter estrelas, planetas, coloridos. Do alto, do teto, do céu, despencavam o que faltava, as partituras. E nós seríamos os músicos. Ver as duas fotos abaixo:





- Organizei um encontro para fazermos uma corda de barbante. Fizemos numa tarde na FE. A corda foi doada para uma escola pública.
- Organizei um encontro sobre as perguntas. A partir de fragmentos e conexões entre a obra de Pablo Neruda e João Guimarães Rosa, nos movimentamos a partir de uma pergunta: *como a placa “não pise na grama” foi parar lá?* Também fizemos um desenho de formas que é feito a partir de uma história de uma flor que foi crescendo, mas de repente vem uma chuva que curva a pétala. Depois vem um temporal, que rasga a flor. Mas com dedicação e coragem, a flor volta a brotar novas pétalas (professora Vanda, da escola Moara, querida amiga, fez certa vez com os professores este trabalho e muito me tocou. Apliquei-o neste encontro das perguntas - ver figura abaixo).



- Organizei um clube da leitura. O primeiro e único autor que lemos alguns trechos foi Rainer Maria Rilke, assim como vimos algumas telas de Pablo Picasso. Abaixo um trecho de Rilke que muito me tocou:

Devemos aceitar a nossa existência tão inteiramente quanto possível. Tudo, mesmo o inconcebível, deve nela ser possível. No fundo, é esta a única coragem que nos é exigida: a de sermos corajosos perante o mais estranho, o mais singular, o mais inexplicável que formos encontrar. Rilke (2002: 9)

- Particpei, organizei e distribuí gratuitamente de 2008 a 2011, quatro jornais de distribuição gratuita, *Detalhe Universal*; *Pois sinto amor*, *Educação para sempre*; *Estou sonhando*. Abaixo alguns poemas, um de cada jornal respectivamente:

Admira a trama do silêncio, que viaja de bicicleta feita pelas mãos do povo e que visita cada município, retirando da cestinha e jogando para cada quintal, a música das estradas.
Mas há um drama: a bicicleta está sem freio.

O povo faz o cordão de isolamento e a bicicleta passa deixando um
rastro de música na praça.

Sentir amor no verão ao meio-dia, transpirando, se abanando. E eu
espero teus lábios de água de coco.

Quando eu te beijo eu sou o mar e a Lua faz questão de nos
derrubar.

Não me importava em, junto com a minha irmã, sermos os últimos a
irem embora da escola.

Aguardávamos estrelas.

Víamos as salas preparando-se para dormir.

Uma bexiga de ar, colorida, a única, dançava em nossas mãos.

Havia mais gente num dia.

Ó adulto que ficava conosco, salve!

Nós cuidávamos de quem vinha nos buscar.

Nós cuidávamos de quem naquele instante não estava na escola.

Nenhum sonho te apressará!

Tu tens as chaves e os tijolos mais pacientes, nãourras!

Vá como um ser humano que faz os próprios sapatos e no momento
de sair de casa, os dá para o 1º sonhador que passa, que é você mesmo e,
que diz: “Não sapatos, para este momento, sandálias”.

 Desde 2007 organizei encontros de poesia embaixo de uma árvore localizada num gramado ao lado da FE. Árvore especial, que nos acolheu naqueles inesquecíveis

sábados. Alguns encontros apenas eu, outros, cinco, seis pessoas... que se abriam para a poesia, para a vida.

Tendo feito este memorial, que me traz a reflexão do quanto foi feito, criado, compartilhado, vejo quantos seres humanos passaram por minha vida nestes 6 anos no curso de Pedagogia. Realmente, a essência foi a de compartilhar, a de dar, doar. Como coloquei em algumas ações acima, fazia encontros e acontecia de ninguém comparecer. Não me importava tanto, claro que com pessoas indo a troca aconteceria, pois as ações eram para possibilitar o encontro, para vivermos algo novo, singelo, criativo, um momento único. Este caminho solitário muitas vezes, trouxe-me reflexões profundas nesta fase final do curso.

Com esta caminhada de ser poeta, de ser educador e acima de tudo, ser humano, percebi o valor do social, o valor do trabalho grupo. Se antes, como é mostrado muitas vezes neste memorial, eu tinha uma ideia, um projeto e queria por que queria colocar em prática, acredito que hoje há mais ponderação, há mais uma observação do que é necessário, do que é possível para minhas forças, dependendo da situação. É importante dizer que hoje, me pauto também pela força do grupo, das pessoas e, junto com elas, a partir do encontro, surgirem projetos comuns, projetos e ações que tragam mais amor, paz e humanidade para este mundo.

Cabe ressaltar que fazer memorial me traz um sentimento de poesia, de criação, de oferecer sem expectativa, sem esperar nada em troca, pois de alguma vem, de alguma força, quem dá recebe, quem recebe fica com a semente de dar.

Percebi que o caminho da educação passa necessariamente pela auto-educação, pelo autoconhecimento, pela tarefa de cada educador se conhecer, se trabalhar, se encorajar e se equilibrar em tempos complexos e enigmáticos. Para

esta educação e esta auto-educação, acredito que seus pilares sejam o amor, o talento e dom que cada um tem ofertado para a paz, para o respeito ao tempo de cada um, para a transformação, o afeto, o movimento.

Esta minha trajetória demonstra o quão está profundo e fluido em mim o movimento, os jogos, as brincadeiras, os jogos cooperativos e danças circulares (finalizei uma pós sobre isto este ano), a cooperação, o compartilhar, o oferecer. Trajetória que não é apenas de conquistas, mas também de perdas, de mudanças, de aprendizados, de seguir em frente.

Assim, é possível dizer sobre a superação de ser cada vez, a cada dia, um novo ser, uma superação de mim neste mundo, mantendo alguns importantes pilares dentro de meu ser, como o amor. Que possamos fazer valer a pena, que seja real, que transformemos, realmente.

A Dádiva

A dádiva entendida como um processo natural, a princípio e simplificada ligada ao gesto de “dar”, acompanha toda a história da humanidade. Desde a partilha mais longínqua de alimento, de espaço de habitação, de criação de filhos, de agricultura, de narrativas míticas e religiosas, de obras de arte, do nascimento à morte, passando por todo o caminho de uma vida, ou seja, o percurso da humanidade é composto pela dádiva.

Contudo, a dádiva vai muito além de um alcance intelectual que possamos dar a ela, de fato, ela transborda para ao mais diversos âmbitos das relações humanas, norteando e nutrindo desde o cotidiano mais comumente sabido e vivido, à experiências artísticas, espirituais.

Se dou, alguém recebe. Esta é uma consideração básica, mas aí não se encerra. Não se trata de uma linha reta, mas de um círculo, ou melhor, uma espiral, ou seja, eu dou, alguém recebe, mas este alguém acaba por me retribuir. Eu agora recebo, também posso de novo dar, assim como paralelamente dou, recebo e retribuo de outros. Não uma linha, mas uma teia, complexa, viva e, nos tempos modernos, virtual, em demasia, se dá, se recebe e se retribui, informações. Desta maneira, (MARTINS apud MELLO, 2002: 12) fala de um “[...] movimento da dádiva (dar, receber, retribuir), e que esta é a condição primeira da existência do vínculo social”.

Não somente a relevância do gesto de dar está na pessoa que o faz, em seu sentimento ao dar, há também a força, o valor do que se dá, da coisa que se dá, e ainda, no sentimento que está atrelado àquela coisa, (MAUSS, 1950: 52): “Que força existe na coisa que se dá que faz com que o donatário a retribua?”

Em sociedades antigas a troca de bens era uma maneira de sustentação não só da existência física, como também da espiritual, era dar continuidade a própria vida, às relações, era uma maneira de estreitar laços e de ajuda mútua, assim como de uma aceitação mais profunda do outro.

Tudo se passa como se houvesse troca constante de uma matéria espiritual compreendendo coisas e homens, entre os clãs e os indivíduos, repartidos entre as classes, os sexos e as gerações. (MAUSS, 1950: 69)

Há um movimento que faz com que as relações se tornem dinâmicas através das trocas. Não só os objetos circulam, mas as pessoas também. Com a troca, a posse se torna menor, perde boa parte de sua importância, assim, o ego também se esvai, “O Ego está para se perder: é a dádiva.” (SARTRE apud GODBOUT, 1983: 383, 434)

É preciso um equilíbrio também, pois se também exaustivamente e cegamente quero dar, quero ofertar, há algo em nós que se enfraquece, que se mantém a todo instante no gesto de dar, no outro, se esquecendo de mim próprio, de minha harmonia interior, de me alimentar para poder alimentar. Como o trecho deste poema meditativo a seguir, que nos mostra uma compreensão do caminho do meio: “Amadurecer significa atribuir a mim próprio o que consigo fazer, empenhar toda a minha energia em alcançá-lo. Nem mais, nem menos.” (SCHAFFER, 2008: 33)

O coração é o símbolo de nosso corpo humano para a dádiva. É com ele que transitamos pelo mundo seja de maneira biológica, levando sangue e oxigênio para nossas células, seja para ações coerentes e necessárias para este mundo. Contudo

é preciso saber ter um equilíbrio no campo do coração, dar amor, dar nosso coração é mais que urgente nestes tempos atuais, contudo é preciso uma respiração, uma inspiração e uma expiração, sabendo dosar os momentos de ação e de recolhimento:

O coração não é apenas uma bomba de notável duração. Ele é a corporificação da boa vontade, que envia nutrição para cada fibra de nosso corpo e ser, o receptor das ligações de afeto com aqueles que você ama e o órgão que abraça com generosidade o mundo à sua volta. Mas se a sua influência for forte demais, se você for generoso demais, ficará muito vulnerável aos ataques de dentro e de fora que causam sofrimento, que partem o coração e diminuem a sua vitalidade. Se a sua influência for fraca demais, se você fechar o coração, vai andar pelo mundo com as constrictões mesquinhas que refletem um corpo no qual não pode fluir muito oxigênio. (EDEN apud MELLON, 2010: 9)

Nos tempos de hoje, há o inverso, cada vez mais posse, na ilusão de que ter traz a segurança necessária para o ser, que traz a abundância de vida, quando de fato, como nos ensina sociedades antigas que de suas maneiras se mantêm nos dias de hoje, as misturas, o fluxo dançante das trocas, da cooperação, fortalece a vida interior e o social, (MAUSS, 1950: 81): Misturam-se as almas nas coisas; misturam-se as coisas nas almas.”

Um relato para ilustrar isto acima: certa vez dois antropólogos ao despedirem de uma tribo de boximanes na África do Sul, deixaram com algumas mulheres uma quantidade de conchas para fazerem colares. Algum tempo depois retornaram e,

para sua surpresa, as conchas havia se tornado enfeites que demarcavam a área da tribo.¹

Algo muito profundo e sublime é constatar que quando dou, eu também recebo desta própria ação, assim me nutro do meu próprio gesto inicial. Torna-se pleno para mim mesmo o retorno da minha ação antes da sua chegada ao outro, assim, quando o outro recebe, recebo pela segunda vez a graça da troca, o outro ao me retribuir recebo pela terceira vez. E, para além do objeto, o fato da relação se estreitar por este gestos, é como se fosse a quarta vez da dádiva. O estreitamento do laço se dá também por eu ser o objeto, por minha essência estar no envio, estar na coisa, como se eu, fosse por exemplo, uma flor que dou.

Se damos as coisas e as retribuimos é porque nos damos e nos retribuimos. Mas também é que damos a nós mesmos ao darmos aos outros, e, se damos a nós mesmos, é porque <<devemos>> a nós mesmos – nós e o nosso bem – aos outros. (MAUSS, 1950: 140)

O que dou, retorna não somente por mãos humanas, como também por caminhos transcendentais, caminhos onde o sopro divino se manifesta e me agracia ou com a volta o que dei, ou com outra coisa, para eu poder dar de novo. Na cultura hindu, quando a terra disse seu canto ao herói solar Rama: “Recebe-me. Dá-me. Dando-me obter-me-às de novo.” (MAUSS, 1950: 161).

Dar implica num processo de auto-transformação. Dou também para me transforma e me transformo quando dou. Quem nunca se sentiu fraco ou desesperançoso num domingo de manhã e, ao se levantar da cama, pondo-se a fazer algo, a dar algo de si seja para si, como uma boa leitura, um banho, ou para o

¹ Ver (HYDE, 2010: 131)

ambiente, como varrer a casa, não se viu transformado e mais motivado? Dou para o mundo ficar mais próximo. A dádiva vista como dom, como talento posto em prática para mim, para os outros, para o mundo, faz com que o exterior fique mais próximo do interior, para que haja diálogo e observância e troca.

Existem algumas características comuns à dádiva²:

O estranho: a dádiva dada aos desconhecidos. Assim como estranhos dando, como caso do Papai Noel.

A liberdade: na época moderna, como a liberdade de se entrar e sair de um casamento, o que antes não se constatava.

A gratuidade: a gratuidade da dádiva pode querer significar que houve um preço, por exemplo, nos serviços que o Estado oferece como saúde pública há o pagamento de impostos pelo cidadão. Sendo assim, neste caso trata-se de um direito e não uma dádiva.

O caráter espontâneo: Não há regras, imposições para as dádivas, ela obedece a um movimento da alma. Há algo de involuntário na dádiva, que arrebatada.

A dívida: diferente da dívida de mercado. É uma dívida, digamos, de alma.

Existe retorno: retorno aqui visto não como reciprocidade, mas como transformação das pessoas, também verificado no perdão.

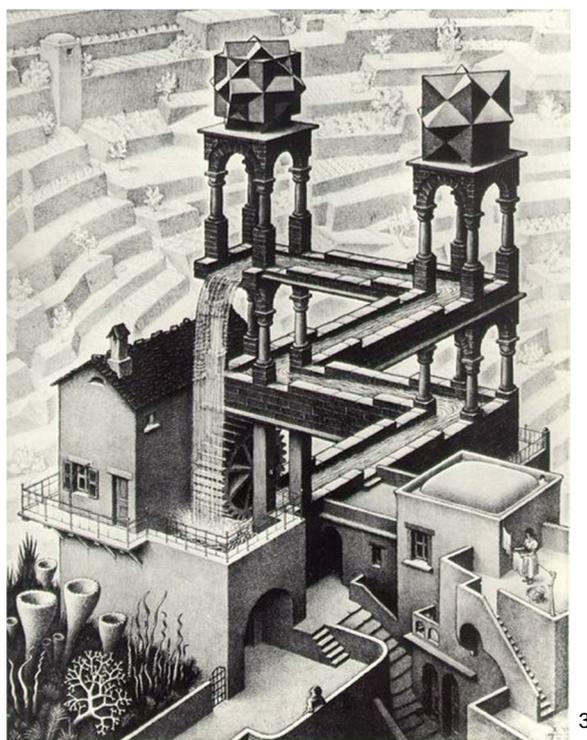
De maneira bem sutil, podemos dizer que eu na dou para receber, dou por dar, dou porque assim o outro pode vir a dar!

A dádiva não é um meio para se chegar a um fim, na verdade é uma espiral, e não uma flecha em direção a um alvo, para uma posterior recompensa.

² Ver (GODBOUT, 1999: 117-118):

[...] se devemos ir em direção ao outro sinceramente, isso significa que não o fazemos só *para* obter alguma coisa, mas porque o estamos “sentindo”, através de um “movimento” em direção ao outro. (GODBOUT, 1999: 119)

Este desenho do artista Escher ilustra bem a dádiva, não se sabe onde está subindo, onde está descendo, o que se sente é o fluxo contínuo, a dádiva contínua, é a água que dá vida, impulsiona, que renova: o dar, o receber, o retribuir. “Dar é retribuir e é receber. [...] Mauss tinha razão em dizer que é um fenômeno social total [...]” (GODBOUT, 1999: 121).



Escher - *Queda de água* (1961)

³ Referência da figura em ESCHER, na referência.

O nascimento de uma criança é um estado de dádiva que confere qualidade e base a todos os outros, é como se fosse um aval da vida para que durante a vida, cada ser possa ter vários nascimentos, renascimentos, sendo assim, dando a sua vida a cada instante e, contudo, chegando próximo e vendo a cada instante da vida, também a morte, pois quem deu sua vida para a vida, quem deu a si mesmo, quem deu melhor de si mesmo, recebe a morte de um jeito vivo, como uma passagem para poder viver de novo, e sua retribuição será renascer.

A arte tem em si um caráter abrangente de dádiva, de doação, de dom. O artista como um canal que recebe ao e faz uma obra de arte que o transcende, uma obra de arte, que se transforma em canal para que os seres que a acolhem, possam mergulhar em suas almas, em seus corações.

Ser um canal na vida para si, para os outros, dissolve o ego. O gesto de dar está em mim por eu ser um canal, por algo “vir bater à minha porta” e eu poder acolher e repassar isto, permitindo um fluxo vivo de pessoas, objetos, sentimentos, emoções, sonhos, conquistas, perdas, transformações e aprendizados em minha vida. “Pois, na verdade, é a vida que dá à vida, enquanto vós, que vos julgais doadores, sois simples testemunhas.” (GIBRAN, s/a: 19)

A obra de arte desperta o poder do olhar interior e do arrebatamento de nossa condição de seres humanos e cósmicos e, no fundo, também descobrimos com arte que nossa vontade é, com esta ferramenta, é de dar, seja a própria arte, criando-a, seja o que ela transmuta, proporciona. A arte também pode ser vista como um objeto, um sentimento que causa trocas interessantes, necessárias, transformadoras.

Com a arte impregnada em nós, temos a centelha de espalhá-la, não como ego, mas como um chamado da vida, nos tornamos artistas da dádiva: “ Quem me

doa a outrem é quem mais me possui! Eu, que sou alimento, alimento-me de quem de mim se alimenta!” (UPANISHAD apud HYDE, 2010: 23).

De maneira bem diferente da nossa época atual, onde possuir é guardar, é apegar-se para demonstrar que aquilo é meu, para os ilhéus de Trobriand, possuir é doar, há uma responsabilidade, inclusive em código social, em partilhar.⁴

Um grandioso sentimento que se manifesta na dádiva, é a gratidão. Sermos gratos por um aprendizado que nos chega e nos transforma, gratos algo que alguém nos fez, traz luz para a alma e uma respiração para o futuro.

Há um conto, “O sapateiro e os duendes”, que ilustra bem a gratidão. O conto fala sobre um sapateiro que andara com má sorte, que não dispunha de muitas economias e que só dispunha de couro para fazer um par de sapatos. Ele corta o couro e vai dormir. Durante a noite, dois duendes nus aparecem e perfeitamente fazem o par de sapatos. Na manhã seguinte o sapateiro encontra o par maravilhado, com os pontos perfeitos e consegue vender o par por um bom preço. Assim segue, com o sapateiro tendo mais dinheiro para comprar couro e durante as noites, vindo os duendes para realizarem o trabalho.

Numa noite, pouco antes do Natal, o sapateiro resolve ficar acordado com a mulher para verem quem o está ajudando. Escondem-se e à meia-noite vêem os duendes. A mulher pela manhã diz para o sapateiro que aqueles duendes os fizeram ricos e que tendo gratidão por eles, deveriam retribuir, ela se pôs a fazer roupas para os duendes e o sapateiro um par de sapatinhos para cada um. Uma vez prontos, deixaram para os duendes e estes, quando viram, ficaram maravilhados com os presentes e puseram-se a cantar, saindo pela porta afora.⁵

⁴ Ver (HYDE, 2010: 43)

⁵ Ver (HYDE, 2010: 91-92)

Este momento de troca, de ternura, alternância e espera, confere vitalidade e equilíbrio para a dádiva. É preciso trabalhar, confiar e esperar. Sem esmorecer, o sapateiro continua a acreditar, mesmo com apenas couro para um par, planejara fazer o sapato na manhã seguinte. Porém ele dorme, ele espera, ele se desapega, então algo acontece:

O sujeito trabalha, trabalha, e não consegue acertar. De uma hora para outra, quando ele menos espera – pode estar cuidando do jardim ou entrando em um ônibus -, a graça se instala. Foi isso o que os duendes fizeram. Eles foram o “toque mágico” que tornou possível ao sapateiro incorporar o seu talento. O processo, porém, não termina aqui, pois os duendes necessitam de nós também. Um pormenor curioso dessa história é o fato de os duendes, tão hábeis com a agulha e o fio, não serem capazes de fazer roupas e sapatos para si. Seus trajes e, acima de tudo, sua liberdade dependem da gratidão do sapateiro. (HYDE, 2010: 92)

O sapateiro em situação difícil recebeu uma mão, uma ajuda, não lhe faltando proteção, não desistindo, apenas seguindo, “Uma vez despertado um dom dentro de nós, cabe a nós desenvolvê-lo.” (HYDE, 2010: 93).

Nesta trajetória até aqui com a dádiva, fica de forma contundente e viva, que a dádiva em seu forma mais humana, reveladora e prática, se dá como uma semente da transformação do indivíduo e do social, uma ponte entre as almas; é uma possibilidade real de mudança interna, é uma ação verdadeira e necessária em tempos de transição, que ansiamos por uma humanidade melhor. Como disse (GIBRAN, s/a: 17-18) na parte que fala sobre a dádiva em “O profeta”: “É quando

dais de vós próprios que realmente dais. [...] É belo dar quando solicitado; é mais belo, porém, dar sem ser solicitado, por haver apenas compreendido [...]"

Os jogos cooperativos e as danças circulares

Este trabalho tem a intenção de mostrar a dádiva como movimento, no movimento, para um encantamento do encontro, para possibilitar a ajuda, para a mutualidade, para que os brincantes, os seres humanos, possam se unir na tentativa de se maravilhar através do contato com seu ser luminoso e que muda, brinca, interage, através do contato com o outro, a partir das brincadeiras, dos jogos cooperativos, das danças circulares.

No jogo precisamos tomar atitudes. Preciso a todo instante me decidir entre ir ou ficar, entre olhar, tocar, me afastar, me aproximar. O jogo é um convite para a vida, é um convite para a ação da dádiva, para acender a fogueira da dádiva, vista aqui como mergulho - como me inteirar do que acontece, me nutrindo - seja em mim, no outro, no grupo. Huizinga (2007: 4): “No jogo existe alguma coisa ‘em jogo’ que transcende as necessidades imediatas da vida e confere um sentido à ação.”

Este sentido à ação é no mínimo, um gesto de conhecimento, de aprendizado, de troca, mutualidade, como nos diz Bubber, ao focar nosso relacionamento com os seres como algo divino:

Eu-Tu é um relacionamento de abertura, contato direto, mutualidade e presença. Pode ser entre pessoas, mas também pode ocorrer com uma árvore, um gato, uma peça de mica, uma obra de arte – e, por meio de todos estes, com Deus, o ‘eterno Tu’ em quem as linhas paralelas das relações se encontram. (BUBBER apud ZAJONC, 2010: 142)

Pela minha experiência constato o poder dos jogos cooperativos e das danças circulares, como ferramenta agregadora de encontros entre as pessoas, de

manifestação da dádiva, do trabalho coletivo para um objetivo comum, para o conhecimento de si e do outro, para estar na vida com a inteireza de ser quem sou, de estar com alegria e de descobrir novas possibilidades de aprendizado.

Jogos cooperativos são jogos onde não há um vencedor, ou melhor, onde todos são vencedores, ao cumprirem juntos um mesmo objetivo. Cada jogador é imprescindível para o jogo cooperativo, cada jogador do jeito que é, com suas possibilidades e potenciais para aquele momento, no momento presente. Preciso de você para também saber até onde posso ir comigo, contigo, conosco.

Joga-se para superar desafios e não para derrotar os outros; joga-se para se gostar do jogo, pelo prazer de jogar. São jogos onde o esforço cooperativo é necessário para se atingir um objetivo comum e não para fins mutuamente exclusivos. (BROTTO, 2001: 54)

Um exemplo de jogo cooperativo: um grupo de 5 pessoas precisa levar até o outro lado da quadra, dez bolas. Detalhe: não pode utilizar as mãos; um vai de olho fechado; um não pode falar; um precisa colocar uma mão na cabeça de alguém.

Danças circulares são danças de roda, onde nos conectamos com o nosso eu interior através da saúde e da cura que a dança promove, onde nos ligamos aos outros pelo poder do círculo, pelo poder do fazer junto, de vivenciar os mesmo passos, de maneira harmônica e sincronizada, respeitando o ritmo de aprendizado de cada um. Além de nos conectarmos com o divino, com o re-ligar com as forças cósmicas que sustentam a vida.

“O movimento cadenciado, o ritmo e a participação de cada um na harmonia grupal fazem com que o círculo seja vivenciado como símbolo vivo e pulsante” (CAMPBELL apud COSTA in RAMOS, 2000: 23)

As danças nos conectam com a simplicidade da vida, por podermos ter a ajuda do grupo, seja na busca de harmonia, na fluidez da energia, seja na reorganização dos movimentos, dos passos. Como exemplo de dança circular, podemos fazer uma dança em reverência às luas: cada grupo será responsável por uma lua. Com todos de mãos dadas, começamos a dança com uma música. O grupo da lua cheia começa, dá 4 passos para frente, balança 4 tempos e retorno de costas com mais quatro passos. No momento em que balançam, cada um faz o seu gesto que sente que representa a lua cheia. Assim acontecerá com todos da mesma maneira. A dança termina quando todos tiverem passado pelas 4 luas.

“Usar a simplicidade para tornar a vida menos complicada foi outro aprendizado que tive com as Danças Circulares” (MARIS STELLA GABRIEL apud BILLARD, 2007: 29)

As atividades a seguir, na metodologia do trabalho, se pautaram nestes dois pilares, os jogos cooperativos e as danças circulares, como bases para que os seres humanos pudessem experimentar a dádiva, para se encantarem no encontro.

Metodologia

De setembro a novembro de 2011, estive no Projeto Educação Integral e Inclusão Social no Recanto das Emas. Os encontros aconteceram às sextas-feiras à tarde, com jovens de aproximadamente 11 a 14 anos. Lá desenvolvi atividades junto com outras duas estudantes de Pedagogia, Iohana e Lorena (elas contaram com a tutoria da professora Ione, que também me ajudou). Geralmente, eu começava o encontro fazendo os jogos, as danças e, logo após elas entravam com outros conteúdos. Quatro momentos analiso abaixo, que os chamo de “*carneirinhos*”⁶

⁶ Nas considerações finais será revelado o porquê deste nome.

Carneirinho 1 – 09/09/2011*Jogo do Jornal cooperativo*

- 1) Cada um tinha uma folha de jornal. Esta folha deveria ficar sob os pés, ou seja, como um tapete. Uma ao lado da outra formando uma estrada.
- 2) Tarefa 1: sem pisar no chão, uma vez que falei que ali tinham jacarés e tubarões rondando (de brincadeira lógico), cada um, em sua vez, deveria pegar sua folha do chão e atravessar por todas as outras folhas até chegar no fim da estrada. Detalhe: como todos permaneciam em suas folhas e o espaço não era tão grande, cada um deveria compartilhar uma folha com outra a pessoa que estivesse atravessando, ou seja, quatro pés em uma folha de jornal no chão.
- 3) Tarefa 2: Uma vez dividindo a folha com alguém, o jovem que estivesse fazendo a travessia não poderia simplesmente sair de lá rápido. Tinha que antes, ler de sua folha (que estava em sua mão, já que no fim ela precisaria colocar no chão para pisar), um substantivo (as duas estudantes de pedagogia estavam trabalhando com substantivos, adjetivos).
- 4) Tarefa 3: Não bastava só ler, tinha que ler com a cabeça dentro de um bambolê. E ainda por cima, duas cabeças dentro do bambolê, a da pessoa que atravessava e a da que recebia esta pessoa.

- 5) Tarefa 4: Por fim, cada jovem, precisava em cima de sua folha, arremessar uma bola de plástico dentro do bambolê, que ficava a certa distância.

Considerações

Neste dia trabalhamos o respeito fazendo relação com a disciplina português. A atividade aconteceu com bastante alegria, bem como hesitação e ansiedade por parte dos jovens, ao dividirem seu pequeno espaço com outra pessoa. Tiveram certa dificuldade em encontrar um substantivo no jornal. A hora do bambolê na cabeça trouxe mais proximidade ainda, causando uma tensão que pode-se dizer saudável, uma tensão pelo inesperado, pelo novo.

O jovem que partia, seguia rumo ao inexplorável, pois cada jornal que ele iria encontrar em seu caminho, estaria com outro jovem ali. Um encontro novo a cada passo dado, encontros que iam sendo transferidos de um para o outro, pois quem saía de um lugar levava em si aquele que o recebeu em sua casa (em seu jornal). O presente era o próprio convidado, bem como o que convidava, também a palavra que era dita, a palavra que era escutada, “[...] *as coisas doadas devem estar sempre em movimento.*” (HYDE, 2010: 30).

Chego de um jeito no jornal do outro: posso chegar alegre, tímido, introspectivo, sorridente, atento. Chego e fico um pouco, permaneço, não preciso ter pressa, apesar de que têm outros para fazerem a travessia. Chegando, encontro o outro, ele me diz com seus gestos, com sua postura, como está. Assim, neste eu e tu, encontramos o nós, o nós dentro do bambolê. “Comunicar quem eu sou. Fazer

“com-tato” com quem você É. Para encontrar quem somos nós.” (BROTTO, 1997: 23).

O tempo não é tão frouxo nem tão apertado, é um equilíbrio, o tempo necessário que está em mim, no outro, no “nós” e no todo, para chegar, ficar, permanecer, ler, partir ⁷.

A cada casa entrada um novo equilíbrio, um novo reequilíbrio. O espaço que divido com o outro muda depois que eu for para outra casa. Muda por ser outra pessoa que está ali, preciso me adaptar de novo, dar algo de novo, que seja um equilíbrio, uma forma de caber dois num mesmo espaço compartilhado. Para quem chega é como trazer as novidades do mundo, para quem recebe é arrumar a casa, servir um chá. Quem chega dá o corpo, quem recebe dá a alma.

A regra de falar com o bambolê na cabeça e ainda por cima com outra pessoa ali dentro, surgiu durante o jogo. O jogo cooperativo também tem como base por ser um jogo infinito. Infinito no sentido de que o jogo pode mudar a qualquer momento, as pessoas podem mudar a qualquer momento, em prol da cooperação, do autoconhecimento; o jogo continua dentro de cada um de nós mesmo depois do jogo acabar; não há um tempo definido para jogar. Sendo assim, o bambolê surgido na hora é um presente que chega, uma dádiva que chega de fora já que o focalizador o colocou⁸, mas sobretudo, pela própria dinâmica do jogo, pelo próprio jogo que ali acontecia⁹, como se os jovens ansiassem em seus profundos sentimentos, verificando como é estar mais próximo. “*As regras do jogo infinito precisam mudar durante o jogo.*” (CARSE, 2003: 23)

⁷ Uma forma que caberia nesta atividade seria cada um fazer uma despedida a seu jeito, um “adeus”, “até logo”.

⁸ O bambolê estava em cima de uma carteira, num canto da sala.

⁹ Se este jogo fosse jogado em outro dia, pode ser que não fosse o bambolê, mas alguma outra coisa que só o momento poderia comunicar.

A espera, a paciência, no grupo, também é um gesto de doação, de possibilidade para o outro, contudo, a espera também é um gesto de dádiva para mim, para que o tempo de meu momento chegue. No momento de jogar as bolas de plástico dentro do bambolê, eram grupos pequenos que arremessavam as bolas, enquanto outros esperavam. Chegando o meu momento, se acertei ou errei, isto é uma outra questão. O importante é que aguardei, percebi o movimento dos outros, me preparei e no meu momento pude tentar dar meu máximo. Sem cobranças, sem comparações, uma experiência que me leva a tentar melhorar de alguma maneira da próxima vez.

A motivação esteve ali, a motivação de estar em grupo, de estar dentro de uma regra (em cima da folha de jornal) e mesmo assim, poder se expressar, poder tentar, junto com os outros, “Tudo o que precisamos é a motivação coletiva para agir.” (ORLICK, 1993: 14)

No encantamento verificado por poder jogar com os outros, podendo cada um se expressar, percebe-se que o caminho da educação passa pelo reconhecimento da autoeducação, de cada um se olhando, se percebendo crescendo, aprendendo, estando com os outros, fazendo e compartilhando. Neste âmbito, a dádiva no sentido de compartilhar, de jogar com o outro é um mapa para uma nova era, e a luz que cada um traz, a sua potencialidade interior para a paz, uma bússola, “À educação cabe fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar através dele.” (UNESCO apud CRAEMER, 2011: 27)

Carneirinho 2 – 23/09/2011

1) Começamos o encontro fazendo um alongamento corporal. Espreguiçamos, alongamos braços, pernas, tronco, cabeça... No fim, pedi para cada jovem, com as pernas esticadas, tentar descer com as pontas dos dedos até o chão. Quando eles estavam tentando, fui às costas de cada um e, bem de leve, deu um empurrãozinho na lombar, para que descessem mais até o solo.

2) Dança circular do “*IAPO*”. A canção é a seguinte:

IAPO ITA ITA ÊÊÊÊ (2X) – 1ª parte

IAPO ITA ITA – 2ª parte

ITUK TUK TUK ITUK – 3ª parte

TUK TUK ÊÊÊÊ – 4ª parte

Ficamos em roda, em pé. Para cada trecho da música há uma coreografia. Na 1ª e 2ª parte é cantando e, alternadamente, bater uma palma e logo após bater as duas mãos nas coxas. Na 3ª parte até o segundo TUK da 4ª parte, com os dedos juntos das duas mãos (como se os dedos tivessem fazendo o gesto de colocar sal na comida), encostar na cabeça. Na 4ª parte, no ÊÊÊÊ, bater quatro vezes as mãos na coxa.

3) Jogo do “Eu gosto de você porque você...” e “Eu não gosto de você quando...”

Uma roda de cadeiras com todos sentados e uma pessoa em pé. Esta pessoa em pé se volta para alguém e fala: “Eu gosto de você porque você...” e então fala porque gosta dela, por exemplo, por que a pessoa está de óculos, ou de

blusa branca, ou por que é ser humano. Quem, sentado na cadeira, estiver de blusa branca, por exemplo, precisa trocar de lugar, ou, quem for ser humano precisa trocar de lugar (evidentemente, no caso do ser humano, todos trocam de lugar). Como tem uma cadeira a menos, uma pessoa sobrar em pé, sendo esta a que recomeçará o jogo, se virando para alguém e falando novamente a frase. A pessoa que disse a primeira frase tentará também sentar em uma cadeira.

Depois deste momento, mudava a frase, que agora seria: “Eu não gosto de você quando...” então, da mesma maneira como foi explicado anteriormente, alguém se virava para outra pessoa e dizia: “Eu não gosto de você quando você usa calça preta”, ou “quando você não come tudo no prato”. Deste jeito, há de novo a troca, considerando a explicação acima.

- 4) As estudantes de pedagogia iriam trabalhar logo após minha atividade, sobre higiene. Realizei a seguinte atividade antes das estudantes começarem:
- Novamente as cadeiras em roda, mas desta vez, cada criança em cima de uma cadeira. Havia três bolas coloridas, uma representando o sabonete, outra o shampoo e a terceira a escova de dente. O jogo consistia em andando pelas cadeiras, cada criança ir passando a bola para outra, sem deixar cair. Inicialmente era para passar de um jeito diferente cada bola: uma precisava ser passada por debaixo das pernas, a outra deixada em cima da cabeça para o jovem que vinha atrás pegar, e a terceira de olhos fechados, tanto quem passava como quem recebia. Depois deste momento, a regra era que para se passar a bola, antes era necessário imitar o gesto correspondente ao daquela bola, ou seja, a bola que representava a escova de dente precisava

virar uma escova de dente, então, o jovem fazia o gesto da escovação e depois passava a bola da maneira descrita acima. Assim também acontecia com as outras duas bolas.

Considerações

O 1º momento, o do alongamento, é uma preparação, um aquecimento para o que está por vir. Apesar de ser algo individual, cada um se encontrando com seu corpo, é possível uma ajuda, como neste simples gesto do empurrãozinho na lombar para ajudar a descer mais os dedos e estes buscarem o solo. Uma ajuda que em alguns jovens trouxe uma dor, uma vez que descer mais um pouco representou passar de seus limites. Com a consciência de que era um passar dos limites possível, sem causar danos ou insustentável, o momento logo após traz uma superação, um alívio, uma realização com o próprio corpo, tendo a ajuda de outra pessoa, ou seja, “consegui descer um pouco mais” e ainda, “consegui descer um pouco mais, será que da próxima vez consigo ir até onde o outro me levou, mas sozinho?” Sendo assim, receber uma dádiva, uma ajuda, algumas vezes traz um momentâneo desconforto ou, um esforço para que cada um possa se olhar, possa se conhecer, uma ajuda para sair da inércia.

A dança do “IAPO” trouxe alegria ao grupo. A partilha de cada um fazendo o mesmo movimento é, por si só, diverso, plural, por estarmos em roda, tentando uma teia de movimentos comuns. Era coreografado, mas, por cada um estar ali do seu jeito, sorrindo, prestando atenção em si e no grupo, concentrando-se, conferia valor

de troca, onde cada um dava e recebia a mesma coisa, ou seja, eram os mesmos movimentos, contudo, também era uma troca que cada um dava e recebia a sua essência, o seu jeito de bater palma, de sorrir, “Não sorrir é estar perdendo o fruto, o significado da própria vida. Quando um determinado rumo escolhido nos impede de sorrir não será ele auto-destrutivo?” (ORLICK, 1993: 42)

O jogo do “Eu gosto de você porque você...” faz com que se tenha uma escolha diante de todo o grupo. Uma escolha de poder olhar para alguém e dizer. Este jogo nos dá a chance de podermos dizer sinceramente por que gostamos e também de dizer quando não gostamos. Há uma diferença. Gosto de você pela tua essência, por ser quem você é, pela sua caminhada, e, não gosto de você quando, numa situação, num momento específico, ou seja, confio que podes olhar para este teu momento e que vejas o que podes aprender daí, e posso te ajudar. Dou através uma possibilidade para também dizer o que não gosto para a superação, pois assim, também me olho, também vejo o que não gosto de mim quando faço algo, compartilho humanidade. A dádiva recebida para a transformação pessoal tem o potencial de nos fazer enxergar nossas pedras, nossas brechas, nossas imperfeições, nossas possibilidades de aceitação e mudança.

O jogo sobre as cadeiras mostra a complexidade na simplicidade da vida, da dádiva. Primeiramente o novo, o inesperado, um jogo em cima das cadeiras, segundo, andar sobre as cadeiras, terceiro passar bolas, quarto, passar as bolas para quem está atrás, para quem está vindo, quinto, passar cada bola de um jeito diferente, sexto, não deixar as bolas caírem, sétimo, fazer o gesto correspondente sobre higiene.

A dádiva enquanto mistério, enquanto desconhecido, abre um espaço dentro de nós para vivências profundas, vivências que fazem brotar os frutos do aqui e do

agora. Ora, passar a bola para quem está por vir, quem está atrás, é fazer circular o próprio mundo, é dizer e consentir com o outro que já passei por este caminho e compartilho e te ofereço algo, não o caminho, pois o caminho é de cada um, para algo para tua caminhada, assim caminhamos juntos pelo prazer de caminhar, pelo caminho que não está pronto,

Circular pelo mistério é sempre algo instigante. Se, em nosso trabalho diário, pudermos deparar apenas uma vez com o desconhecido, nosso dia estará ganho. Sentimo-nos enlevados quando as dádivas que recebemos vêm de um doador insondável. Só assim sabemos que elas não provêm de um egocentrismo solitário e que são inexauríveis. Tudo que é contido dentro de limites contém também, necessariamente, sua própria exaustão. Até mesmo o giroscópio mais perfeitamente equilibrado vai aos poucos perdendo velocidade. Quando, porém, a dádiva passa por onde já não a podemos ver e depois retorna, sentimo-nos revigorados. (HYDE, 2010: 50-51)

Carneirinho 3 – 04/11/2011

1) Começamos o encontro com uma roda de reconhecimento de si no grupo. Cada um precisava ficar numa distância em que de braços semi abertos ao lado do corpo, pudesse encostar a palma de sua mão na palma da mão de quem estivesse ao lado. Batíamos palmas juntos e ao encostarmos nossas palmas em quem estivesse à nossa direita e à nossa esquerda, cada um falava o seu nome. Exemplo: bato palma junto com os outros e quando encostar minhas palmas digo “Thiago”, batemos palmas juntos de novo e depois quem está à minha direita fala o seu nome, “João”, e assim sucessivamente até que todos da roda tenham falado seu nome.

2) Dança circular “MEREQUETÊ”

Em roda, coloco minha mão direita no ombro de quem está à minha direita e digo “MEREQUETÊ”, todos da roda repetem o que fiz e, mantemos a mão no ombro. Coloco a mão esquerda no ombro de quem está à minha esquerda e digo “MEREQUETÊ”, todos repetem. Faço o mesmo gesto para a cabeça, os dois joelhos, os dois pés, de quem está ao meu lado. No fim, todos se viram de frente para as costas de quem está ao seu lado, em roda ainda, ou seja, estaremos agora olhando para as costas de alguém. Pegamos no pé desta pessoa que está a nossa frente e damos nosso pé para a pessoa de trás, formando uma roda onde só estamos com um pé no chão e o outro sendo segurado por quem está atrás de nós. Falamos “MEREQUETÊ” ao pegar no pé e depois começamos a cantar pulando em um pé só: “MEREQUETÊ TÊ

TÊ TÊ TÊ TÊ MEREQUETÊ TÊ TÊ TÊ TÊ TÊ”

3) Avião de papel

Cada um fez um avião de papel e a brincadeira consistia em: cada um ficava com seu avião de papel, em cima de uma cadeira, ao lado de outros jovens. No “1,2,3 e já” todo mundo arremessava seu avião de papel e a tarefa era a de fazer com que seu avião caísse em cima de uma das três mesas (ver foto abaixo). No entanto, antes do avião aterrissar era necessário que se falasse uma palavra bonita enquanto o avião estivesse no ar, alguns disseram “paz”, “amor”.

Quem conseguisse realizar a tarefa, recebia um “parabéns” e um aperto de mão de cinco jovens. Quem não conseguisse recebia um “parabéns mesmo assim” e um sinal de “ok” com o polegar esticado de um jovem.



O 1º momento mostra a singularidade que une cada um ao todo. Cada um se reconhece em si e se reconhece no grupo ao dizer o seu nome e ajudar ao outro ao dizer o seu nome. É preciso de cada um neste elo, nesta teia que se forma nesta

brincadeira. Se por acaso alguém atrasa na hora de falar seu nome, o grupo espera, espera em movimento, pois continua a bater as palmas em si e nas pessoas ao lado até que a pessoa fale seu nome no momento certo. A dádiva se manifesta como um elo em que não há desaparecimento de ninguém, mas que na verdade cada um em sua inteireza e momento possa colaborar para que o grupo possa se fortalecer,

Aprendendo o verdadeiro significado da consciência de grupo, paramos de olhar para nós mesmos como um ser separado de todos os outros e começamos a ver o nosso elo com toda a humanidade, a Natureza e o Cosmos. (SARAYDARIAN apud BROTTTO, 1997: 61)

No “MEREQUETÊ” uma experiência de grupo onde cada um precisava tocar no corpo no outro. O toque no outro é uma dádiva, é um dar espiritual também, é o encontro com o que há de mais externo em mim, com o que há de mais externo no outro e, magicamente, é um convite para nos tocarmos internamente.

A construção de um objeto simples, como um avião de papel, é para quem assim desejar ver, uma obra de arte. É uma obra de arte também por gerar um mundo interior, por movimentar este mundo interior. Pois um avião de papel parado faz com que imaginemos voos e, voando faz com que, no mínimo, curtamos o pequeníssimo tempo de seu voo a partir de nosso impulso nele, mas sabe lá o tempo de seu voo dentro de nós. Esta ajuda que dá o vento confere a surpresa, o imprevisível neste jogo. Será que o avião cairá sobre a mesa? Mesmo que não caia, posso dizer uma palavra em seu voo, posso ainda receber um “parabéns mesmo assim” de uma pessoa. Quem assiste também participa também pode entrar no jogo, a porta está aberta para quem quiser entrar, não há redomas. Como eram dois grupos, o segundo, que jogaria depois, seria o primeiro a parabenizar e vice-versa.

Quem ficou de mãos vazias, ou seja, quem jogou seu avião, além de receber de si uma palavra, em instantes receberia um parabéns de algo, um toque de alguém. Este encontro com alguém era o segundo avião de cada um, ou o primeiro transformado. Foi interessante constatar que alguns ficavam na doce espera, mesmo já tendo buscado seu avião após jogá-lo, do parabéns, se agraciavam por este encontro, bem como aqueles que davam:

Uma dádiva move-se para suprir um espaço vazio. Ao mover-se em seu círculo, ela se dirige àquele que tem as mãos vazias há mais tempo, e se surgir alguém em outro lugar cujas necessidades sejam ainda maiores, a dádiva desloca-se de seu antigo canal e a ele se dirige. Nossa generosidade pode nos deixar de mãos vazias, mas o vácuo que se dá mantém a doação em movimento e logo não estaremos mais de mãos vazias. A natureza social também abomina o vácuo. Mestre Eckhart, o místico, nos aconselha: “Portemos recipientes vazios.” As doações são atraídas pela pessoa que por ela aguarda com um recipiente vazio que não lhe pertence. (HYDE, 2010: 55)

Carneirinho 4 – 25/11/2011

1) Fizemos uma dança circular (ver foto abaixo) onde:

Dávamos dois passos para o centro da roda com o seguinte dizer: “Eu te reconheço”, chegando batíamos duas palmas.

Depois, dois passos para trás com o seguinte dizer: “Eu te dou passagem”, chegando batíamos duas palmas.

Após, dois passos para a direita com o seguinte dizer: “Eu sigo meu caminho”, chegando batíamos duas palmas.

Assim prosseguíamos, repetindo os passos, os dizeres e as palmas, caminhando em roda.

Logo após trocamos os dizeres: “Eu sou o rio”; “Eu sou o mar”; “Eu sou a montanha” e depois, “Eu sou o Sol”; “Eu sou a Lua”; “Eu sou a Terra”.



2) Fizemos um jogo (ver foto abaixo) que consistia em:

a) Dois grupos, um de frente pro outro, cada grupo atrás de um barbante esticado no chão.

- b) Se escutassem eu falar um animal da água, precisavam pular para frente do barbante. Se escutassem eu falar um animal da terra, precisavam ou permanecer no lugar ou, no caso de estarem à frente, retornarem para detrás do barbante. Se escutassem eu falar um animal do ar precisavam dar um pulo de onde estivessem. Caso eu falasse um animal que é da água e da terra, como sapo, cobra, precisavam colocar uma perna à frente do barbante e outra atrás do barbante e, com um movimento, fazer a troca das pernas, a que estava na frente vai para trás e de trás vai para frente.
- c) Caso escutassem eu falar “Fogo”, precisavam trocar de lugar com o outro grupo, atravessando o espaço do jogo.
- d) Quem fizesse o movimento inadequado, ou seja, pulasse quando eu falasse um animal da terra, ia para o meio e ali ficava parado. Só sairia dali quando na travessia, alguém o tocasse.
- e) Posteriormente, quem fizesse o movimento inadequado ia para o meio e virava o pegador, ou seja, na hora da travessia, teria que pegar as pessoas que estivessem atravessando. Quem fosse pego, ficava parado, esperando até que alguém o salvasse.



3) Realizamos uma corrida de revezamento com duas equipes (ver foto abaixo) com as seguintes regras:

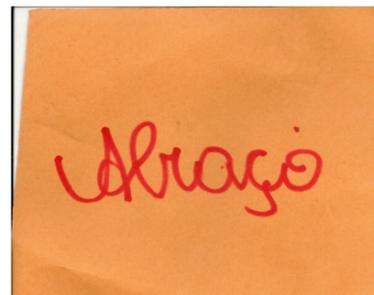
- a) Era preciso ir até uma cadeira que continha papéis e uma caneta e, de um lado da folha escrever algo que um dia você já deu, já doou e, no outro lado, algo que um dia você já recebeu.
- b) Após fazer isto, era preciso retornar, encostar na mão de outra pessoa de sua equipe para que ela pudesse ir até a cadeira.



- c) Não foram colocadas nos papéis as palavras “deu” ou “recebeu”, para facilitar na hora de escrever ¹⁰. Sendo assim, tendo os papéis dos jovens nas mãos, não se sabe o que ele deu e o que ele recebeu. Num primeiro momento podemos pensar que não faz sentido, entretanto, fica uma brecha para que possamos imaginar o que se dá e o que se recebe, e ainda, que ambos podem se misturar, e que de maneira muito importante, houve o gesto, houve a ação.

Abaixo há duas fotos sobre um dos papéis e em seguida a transcrição dos outros:

¹⁰ Alguns dos jovens escreveram por conta própria no papel as palavras “dei”, “ganhei”...



- recebo boneca – dou amor
- amizade – flor
- flores – beijos (papel da Lorena
– estudante de pedagogia)
- brinquedo – bolada no olho
- brincos – cd
- tapa – outro
- namorado – chifre
- boneca – carrinho
- paz – amor (meu papel)
- pirulito – chiclete
- tênis – bola
- dinheiro – amor
- ganhei bola – dei camisa
- ganhei uma bala – dei uma bola
- ganhei uma camiseta – dei um
chinelo
- ganhei uma balinha – dei
chiclete
- beijo no rosto - abraço

4) Finalizamos o encontro com a dança circular do início (ver item 1) porém com a seguinte alteração: Diríamos as seguintes frases, “Eu dou”; “Eu recebo”, “Eu retribuo”. Cada um estava com um papel na mão, que foi juntado e entregue aleatoriamente. Quando nos encontrávamos no centro, no momento do “Eu dou”, cada um passava o seu papel para a direita e, assim seguíamos a dança. Quando alguém finalmente recebia o seu próprio papel, o que escreveu, deixava a roda, se sentava e continuava observando. Acabava quando todos recebiam o seu próprio papel de volta.

Considerações

O primeiro momento, a dança circular, enfatiza três aspectos importantes da jornada da dádiva. Vou para o centro, te reconheço, tenho uma intuição, um sonho, uma experiência, um encontro, “A dádiva inicial é concedida ao self” (HYDE, 2010: 292). Recuo, vejo mais amplamente, te dou passagem, sou canal, deixo fluir, te dou passagem através de meu dom, sou receptáculo, sou arco, através de meu trabalho, de horas e horas de suor, de prática “A capacidade de elaborar tal matéria-prima constitui-se na segunda dádiva, que é o dom do artista” (HYDE, 2010: 293). Vou para a direita, sigo meu caminho, continuo a jornada, levo comigo o que aprendi e refino a caminhada, aprendo novas coisas ao caminhar, transformo, sou alquimista, tentarei fazer melhor da próxima vez que for ao centro, mas antes de voltar ao

centro preciso fechar um ciclo, concluir algo, “O artista produz algo mai elevado do que o que lhe foi dado, e isso, sua obra acabada, é a terceira doação, a que é oferecida ao mundo [...]” (HYDE, 2010: 293). Estamos em roda, vamos junto, para eu ir para a direita, quem está á minha direita também precisa seguir. Posso também ser rio, mar, montanha, Sol, Lua, Terra, as coisas mais grandiosas estão em mim.

As coisas pequenas também, como no segundo momento, o do jogo dos animais, onde eu precisava dar um pulo ao escutar o nome de um passarinho, de um beija-flor, mas na verdade, cada um era o próprio beija-flor ao voar. Cada um ao atravessar se deparava com vários corpos, várias almas, vários espíritos vindo em direção contrária, e está tudo bem, estamos todos atravessando, daqui a pouco nos olharemos de novo. Onde você está eu posso um dia estar e, vice-versa, temos compaixão pelo caminho do outro, mesmo vindo na direção contrária, acreditamos na transformação posso um dia “estar na sua pele”.

No 3º momento, o fato de não haver no papel, onde era para escrever o que já se recebeu e o que já se deu, traz um equilíbrio para a situação ¹¹. Um equilíbrio isento de valor, isento de julgamento. Não importa se o que se recebe é mais ou menos valioso ou importante do que se dá, o importante é o movimento, é a surpresa de investigar e perceber que houve um movimento daqui para lá e de lá para aqui.

¹¹ Foi por acaso este equilíbrio, uma vez que esta situação apareceu ali na hora, quando um jovem me perguntou se podia escrever em qualquer um dos lados o que deu, e eu disse que sim.

Sempre a mostrar o que é melhor e separá-lo do pior, agastam-se as gerações. Sabedor de que todas as coisas têm seu lugar e de que nenhuma é melhor ou pior do que as outras, enquanto eles discutem, permaneço em silêncio [...] (WHITMAN apud HYDE, 2010: 258)¹²

A dança final enfatiza uma rodada de dádivas, onde o que se deu, o que se recebeu, transita por várias mãos, vários corações. Quando finalmente chega em minhas mãos o papel em que escrevi, posso me sentar e contemplar como Whitman contempla, posso ver na dança este equilíbrio da dádiva, o fluxo da vida, o rio que nos desacostuma, para renovados encantamentos.

¹² Na página anterior e nesta página da citação, Hyde cita o poeta Walt Whitman, no qual ele de maneira poética fala que perderia o sentido da dádiva caso deixasse de contemplar o companheiro que vai estrada a fora, para calcular o valor material dos pães que este companheiro deixou carinhosamente ou, para verificar se os pães eram de centeio ou de trigo integral.

Considerações finais

Profundamente, a vida é a dádiva. Na própria palavra dádiva tem vida, vida em abundância, em transformação interior, em crescimento e amadurecimento, reconhecendo no encontro o terreno mais fértil para troca de ajudas e de práticas.

Pois de que valerá dar, receber e retribuir, se for de maneira egoísta, interesseira, mesquinha, sem vínculo com um futuro melhor, sem compromisso com a humanidade, com a vida no cosmo?

Na Grécia e na Roma antigas, cada pessoa tinha seu espírito pessoal, que podia ser cultivado e desenvolvido, ajudando-o na vida, no aperfeiçoamento dos dons. Na Grécia era chamado de *daemon* e em Roma de *genius*. Em seu aniversário, a pessoa não apenas recebia presentes, mas também os dava, oferecendo um sacrifício a seu *daemon/genius*. É com gratidão em seu coração que a pessoa oferecia um presente à seu *daemon/genius*. O oposto deste espírito pessoal é o narcisismo, que acredita que seus dons têm origem em si mesmo, narcisismo tão comum em nossa época atual, onde se “Trabalha para expor a si próprio não para transformar-se.”¹³

A arte tem papel essencial e basal no desenvolvimento da dádiva enquanto semente de transformação do social. Uma arte que não nos deixe desterrados, desconectados da realidade, mas uma arte comprometida com a

¹³ Ver Hyde (2010: 97-98)

minha e a tua vida¹⁴, arte que saiba nos desvelar os dons, os talentos, colocando-os em prática. Uma das ferramentas que apresentei neste trabalho e que acredito ser de valiosa importância para uma nova tomada de consciência sobre a humanidade, sobre o social, sobre os laços construtivos e afetivos entre as pessoas, são os jogos cooperativos e as danças circulares. Jogar estes jogos e dançar estas danças não nos tira da realidade, ao contrário, nos conecta com algo profundo em nós, com um auto-conhecimento, com a descoberta de que estamos ligados, que podemos fazer algo juntos para a melhoria da vida, aprendendo o respeito, a confiança, a superação, a cooperação, a dádiva, “Na verdade os jogos de que as crianças participam tornam-se seus jogos de vida.” (PIAGET apud BROTTTO 1997: 69).

A seriedade da vida que retém, que congela, que sufoca, não liberta as pérolas mais brilhantes quando nos encontramos com os outros. O encantamento se dá pela simplicidade primeiramente, do encontro. Encontrar-se com outro ser humano é mágico e divino, é uma chance inesgotável para o autoconhecimento e para práticas transformadoras para o mundo. Como pode ser verificado no trabalho, nos encontros que aconteceram, a surpresa esteve presente, a alegria, o inesperado:

Ser alegre não significa ser frívolo ou fútil, ou agir como se nada importante fosse acontecer. Pelo contrário, quando somos alegres uns com os outros, nós nos relacionamos como pessoas livres e o relacionamento está aberto a surpresas; tudo que acontece é importante. Na verdade, é a seriedade que se fecha para a importância e a consequência, pois a seriedade é o medo do

¹⁴ Título do maravilhoso livro do poeta Thiago de Mello: “Poesia comprometida com a minha e a tua vida”.

resultado imprevisível da ampla possibilidade. Ser sério significa exigir uma conclusão específica. Ser alegre é estar aberto à possibilidade, não importa o que isso possa nos custar. (CARSE, 2003: 32)

A busca incessante por resultados tira de nossos corações a pureza e o vigor do inesperado, do sorriso, da confiança em toda a humanidade. É preciso, sem dúvida, um desapego sobre expectativas e na constante ideia de que “isto é meu”, “aquilo é meu”, “esta pessoa é minha”... estamos aqui para caminhar juntos, para trocar, para se fortalecer, para ajudar, para superar desafios, e isto é viver, isto, também sem dúvida, não é de uma hora pra outra, exige esforço, paciência, diálogo, enfrentamento dos problemas.

Finalizo este trabalho explicando o porquê do nome **carneirinho** antes das atividades, salientando que a dádiva apresentada aqui, é movimento, e que quando as pessoas se encontram para mudarem a si mesmas no contato com o outro e assim transformar o mundo, o encantamento é uma caminhada:

O poeta Pablo Neruda, certa vez quando criança brincava nos fundos de sua casa encontrou um buraco numa cerca de tábuas de madeira. Olhou e pressentindo que algo aconteceria, deu alguns passos para trás. De repente a mão de um menino havia deixado ali um presente para Neruda, um carneirinho branco de brinquedo. Após o momento maravilhoso, foi em casa e deixou ali, para o menino, um cone aberto de pinho, cheio de resina perfumada. Nunca mais Neruda veria a mão ou o menino.

Aquela troca de presentes – misteriosa – ficou para sempre dentro de mim como um depósito sedimentar [...] Sou um homem de sorte. Sentir a intimidade de irmãos é uma coisa maravilhosa. Sentir o amor das pessoas que amamos é um fogo que nos alimenta a vida. Mas

sentir o afeto que vem daqueles que nem conhecemos, de pessoas que nos são totalmente desconhecidas, que se importam conosco enquanto dormimos ou estamos solitários, que se preocupam com os perigos que corremos e com nossas fraquezas – isto é algo ainda mais grandioso e bonito porque amplia as fronteiras do nosso ser e une todos os seres. [...] Aquela troca de presentes fez com que me ocorresse pela primeira vez uma ideia preciosa: a de que toda a humanidade une-se de alguma forma [...] (NERUDA apud HYDE 2010: 415 – 416)

Referências

BROTTO, Fábio Otuzi. **Jogos cooperativos**: se o importante é competir, o fundamental é cooperar! Santos-SP: Projeto Cooperação, 1997.

_____. **Jogos cooperativos**: o jogo e o esporte como um exercício de convivência. Santos, SP: Projeto Cooperação, 2001.

CARSE, James P. **Jogos finitos e infinitos**: a vida como jogo e possibilidade. Tradução de Claudia Gerpe Duarte. Rio de Janeiro: Nova Era, 2003.

CRAEMER, Ute (Org.). **Currículo social na escola**: a necessidade do nosso tempo: propostas, sugestões e experiências no Brasil e no exterior. São Paulo: Antroposófica e Federação das Escolas Waldorf no Brasil (FEWB), 2011.

GIBRAN, Gibran Khalil. **O profeta**. Rio de Janeiro: ACIGI, s/a.

GODBOUT, Jacques T. O espírito da dádiva. Tradução de Patrice Charles F. X. Wullaume. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas, 1999.

HUIZINGA, Johan. **O jogo como elemento da cultura**. 5ª edição. Tradução de João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 2007.

HYDE, Lewis. **A dádiva**: como o espírito criador transforma o mundo. Tradução de Maria Alice Máximo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. Tradução de António Filipe Marques. Lisboa: Ed. 70, 1988.

MELLON, Nancy. **Corpo em equilíbrio**: o poder do mito e das histórias para despertar e curar as energias físicas e espirituais. Tradução de Márcia Epstein Fiker. São Paulo: Cultrix, 2010.

ORLICK, Terry, **Vencendo a competição**: como usar a cooperação. Tradução de Fernando José Guimarães Martins. São Paulo: Círculo do Livro, [1993?].

RAMOS, Renata Carvalho Lima Ramos (Org.). **Danças circulares sagradas**: uma proposta de educação e cura. São Paulo: TRIOM : Faculdade Anhembi Morumbi, 1998.

RILKE, Rainer Maria. **Os sonetos a Orfeu**; e, **Elegias de Duíno**. Tradução de Karlos Rischbieter e Paulo Garfunkel. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SCHAFFER, Ulrich. **Crescer, amadurecer**: poemas meditativos. Tradução de Herwig Haetinger. 2ª edição. São Paulo: Antroposófica, 2008.

ZAJONC, Arthur. **Meditação como indagação contemplativa:** quando o conhecimento se torna amor. Tradução de Jacira Cardoso. São Paulo: Antroposófica : Associação Sophia de Educação Antroposófica, 2010.

WEIL, Pierre. **A arte de viver em paz:** por uma nova consciência, por uma nova educação. Tradução de Helena Roriz Taveira, Hélio Macedo da Silva. São Paulo: Editora Gente, 1993.

BILLARD, Sandrine. **A cooperação nas danças circulares sagradas.** Santos, SP, 2007. Disponível em <<http://jogoscooperativosefe.ning.com/page/teses-e-dissertacoes>> Acesso em 07.dez.2011.

ESCHER. Disponível em<http://jovemnerd.ig.com.br/wp-content/uploads/Escher_Waterfall.jpg> Acesso em: 27.nov.2011

_____. Disponível em <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/seminario/escher/gravuras10.html> Acesso em: 12.jan.2012

MELLO, Gláucia Buratto. Disponível em <<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/viewFile/229/161>> Acesso em: 27.nov.2011